



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DAS DORES FARIAS GONÇALVES

**O ENSINO DE LITERATURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E  
PRESERVAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA**

JOÃO PESSOA - PB  
MARÇO 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS  
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

**MARIA DAS DORES FARIAS GONÇALVES**

**O ENSINO DE LITERATURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E  
PRESERVAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

JOÃO PESSOA - PB  
MARÇO 2018

G635e Goncalves, Maria Das Dores Farias.

O ensino de literatura no processo de formação e preservação da cultura nordestina / Maria Das Dores Farias Goncalves. - João Pessoa, 2018.

48 f.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Ensino de Literatura; Aprendizagem; Cultura. I. Rodrigues, Hermano de França. II. Título.

UFPB/CCHLA

# O ENSINO DE LITERATURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA CULTURA NORDESTINA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras habilitação em Língua Portuguesa.

Aprovada em \_\_\_\_\_

*Banca Examinadora*

---

Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo  
(Examinador)

---

Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho  
(Examinador)

Dedico esta monografia aos meus pais que sempre me incentivaram aos estudos, me apoiando em todos os momentos, pois sem eles jamais teria chegado até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele a me sustentar durante essa caminhada da graduação, eu não teria chegado até aqui.

Aos meus pais por sempre terem me incentivado a não desistir dos meus sonhos, mesmo em meio as dificuldades sempre pude contar com eles.

Agradeço também ao meu esposo, Antônio, por sempre ter me apoiado e até acompanhado em alguns momentos.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas e cunhadas essa vitória de hoje também é de vocês. Durante essa caminhada da graduação conheci pessoas muito queridas, não vou citar nomes para não ser injusta, mas meu muito obrigada a cada um de vocês que esteve comigo me apoiando nessa caminhada.

Muito obrigada ao meu orientador Hermano por ter aceitado me orientar em mais um momento da minha vida, afinal entre encontros e desencontros já se passaram alguns anos, desde que fostes meu mestre pela primeira vez ainda no ensino médio, e quão grande e agradável foi te reencontrar na UFPB e ser novamente sua aluna. Muito obrigada, por tudo!!

## RESUMO

Esta monografia, intitulada *O ensino de literatura no processo de formação e preservação da cultura nordestina*, teve como objetivo analisar o ensino de literatura no âmbito escolar, no que concerne ao processo de formação e preservação da cultura nordestina, trazendo em questão os problemas e desafios encontrados no ensino de literatura através das suas implicações históricas e sociais. Para o aporte teórico, nos baseamos nos autores que abordam acerca do ensino de literatura na sala de aula, como Segabinazi (2011), Menezes (1982), Amorim e Santos (2016), Rildo Cosson (2014), Cândido (1972), Saraiva e Mugge (2006), Colomer (2007), Bordini e Aguiar (1993). Neste trabalho, procuramos mostrar para os alunos que a literatura traz a cultura que está em diversas partes, como também, a demonstração de conhecimentos, e por muitas vezes textos literários que trazem grandes obras. Para tanto, foi analisada a obra *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, que faz parte do Movimento Armorial (movimento criado por Ariano Suassuna, a fim de valorizar a cultura nordestina) e suas vertentes, como forma de melhorar o ensino. Além disso, traz uma proposta de Projeto de Leitura: A leitura de cordéis e o Auto da Compadecida, sob a perspectiva do Método Recepcional de Bordini e Aguiar e a sequência básica do Cosson, porque contribui com a aquisição de conhecimentos a partir da percepção do outro e dos múltiplos saberes dos envolvidos em um processo de aprendizagem.

**Palavras Chave:** Ensino de Literatura; Aprendizagem; Cultura Nordestina.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1. PROBLEMAS E DESAFIOS NO ENSINO DE LITERATURA</b> .....	11
1.1 Implicações históricas e sociais acerca do ensino de literatura.....	11
1.2 O ensino de literatura na atualidade: um olhar para as escolas públicas e seus docentes .....	15
1.3. Estratégias e possíveis auxílios aos problemas mais comuns no ensino de literatura.....	20
<b>2. ARIANO SUASSUNA: VIDA, OBRA E MOVIMENTO ARMORIAL</b> .....	24
2.1. Quem foi Ariano Suassuna?.....	26
2.2. Movimento Armorial.....	30
2.3 Principais obras de Ariano Suassuna .....	31
2.3.1 <i>O Auto da Compadecida: um passeio pela cultura nordestina</i> .....	32
<b>3. LITERATURA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DAS AULAS DE LITERATURA NO COTIDIANO ESCOLAR</b> .....	36
3.1 Projeto de Leitura: A leitura de cordéis e o Auto da Compadecida, sob a perspectiva do método recepcional de Bordine e Aguiar e a sequência básica do Cosson .....	39
3.1.1 Justificativa .....	39
3.1.2 Objetivos.....	40
3.1.3 Fundamentação Teórica.....	40
3.1.4 A experiência no Campo .....	42
3.1.5 Resultados Observados .....	45
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## INTRODUÇÃO

Este trabalho busca mostrar o ensino de literatura no processo de formação e preservação da cultura nordestina, trazendo a questão dos problemas e desafios encontrados no ensino de literatura através das suas implicações históricas e sociais.

Para tanto, é possível mostrar para os alunos que a literatura traz a cultura que está em diversas partes, como também, a demonstração de conhecimentos, e por muitas vezes textos literários que trazem grandes obras, portanto, aqui será mostrado um projeto de leitura com cordéis e com a obra *O Auto da Compadecida*, do escritor Ariano Suassuna, por trazerem a cultura popular e nordestina.

A literatura não é algo criado, e algo que se cria, é a criação do escritor independente da sua experiência de vida, mas está relacionada à capacidade de imaginação e interpretação do autor. A literatura não se priva, ela abrange vários aspectos encontramos literatura na escrita, no teatro, no cinema, nas artes plásticas e em diversos âmbitos da cultura.

Pensando assim, observamos que existe uma grande problemática acerca do ensino de literatura na sala de aula, haja vista que por vezes este ensino limita-se à mera leitura de textos literários, através dos quais são feitas considerações superficiais, deixando passar despercebido, outras possíveis interpretações, se adotarmos a concepção de que o universo literário nos possibilita uma variedade de leituras, no que tange às entrelinhas da obra literária. Sobre o perigo que ocorre com a literatura no ambiente escolar, nos mostra Segabinazi (2011)

A ameaça pode ser constatada nas aulas em que se proliferam a leitura de resumos e a substituição da leitura de obras literárias por filmes, porém, mais complicado que as práticas escolares é o desaparecimento da literatura nas Diretrizes para o ensino médio e para o curso de letras.

Dessa forma, recai sobre o professor a grande responsabilidade de selecionar e trabalhar com os alunos os conteúdos adequados para cada série do ensino médio, associando-os a uma metodologia voltada para o desenvolvimento do senso crítico do aluno, de modo que este não adquira uma antipatia pela literatura, mas sim sinta prazer ao trabalhar com ela.

Analisando a prática de literatura nas salas de aulas do ensino médio, é ir de encontro a uma extrema degradação da essência do contexto literário, afinal de contas o que predomina hoje em dia, nas nossas escolas, é modelo de ensino pautado apenas naquilo que o professor admite que lhe convém, restringindo assim o aluno a pensar e chegar a outros caminhos.

Assim, esta monografia se divide em três capítulos: o primeiro traz uma abordagem teórica sobre os problemas e desafios encontrados no ensino, o segundo capítulo, um estudo sobre Ariano Suassuna: vida, obra e movimento armorial, no intuito de se trabalhar a obra desse autor no projeto de leitura. No terceiro, encontra-se uma reflexão sobre as práticas das aulas de literatura no cotidiano escolar, abordando um projeto de leitura: A leitura de cordéis e o Auto da Compadecida, sob a perspectiva do método recepcional de Bordine e Aguiar e a sequência básica do Cosson. Por último estão as considerações finais.

# 1. PROBLEMAS E DESAFIOS NO ENSINO DE LITERATURA

## 1.1 Implicações históricas e sociais acerca do ensino de literatura

Neste capítulo trataremos dos problemas e questionamentos mais comuns ao ensino de literatura, são eles: a defasagem (ou seja, o anacronismo) no ensino de literatura é um problema recente? Será histórico? Será de cunho social? A resposta é afirmativa para os três casos.

Partindo do pressuposto de ser um problema social, atual e histórico vamos fazer um recorte no qual possamos ligar diretamente essas concepções acerca do ensino de literatura. Afirmamos ser um problema histórico porque sabemos que desde o princípio da nossa sociedade brasileira, a partir da colonização, houve essa defasagem no ensino de literatura, porque mesmo a literatura estando presente no objeto de estudo desde o Brasil colonial, no princípio o ensino dessa sexta arte tinha apenas o objetivo de catequisar<sup>1</sup> as crianças e jovens do Brasil Colonial, e também os índios. Segundo Magnani apud Segabinazi (2011, p. 23):

A educação jesuítica no Brasil destinava-se à classe dirigente, visando à formação dos quadros da administração local e dos quadros hierárquicos internos da Ordem, coloca nas mãos dessa classe o privilégio da dominação ideológica através do conhecimento a que tinha acesso, e, principalmente devido ao sábio manejo com a linguagem; corroborando sua hegemonia através do discurso dominante.

Seguindo a história, sabemos que após a reforma do Marquês de Pombal, em 1759, os jesuítas foram expulsos. Segabinazi (2011, p. 24) aponta que “após esse acontecimento, é adotado um ensino público com finalidade agora de formar indivíduos para o estado e não mais para a igreja”. Nesse ponto da história já podemos identificar a tomada do ensino pela elite da época. A partir de então vamos constatando que o ensino, especialmente o de literatura, é voltado apenas para a burguesia.

Assim, surgem também os liceus provinciais e, entre eles, destacamos a fundação no Rio de Janeiro, em 1837, do Colégio Pedro II. Este colégio tem uma importante contribuição para os programas e currículos dos cursos de letras, e, principalmente para a história do ensino de literatura nas escolas, já que funcionou como modelo até meados do século XX (SEGABINAZI, 2011, p. 25).

---

<sup>1</sup> Vemos, aqui, o texto bíblico como texto literário.

A partir da fundação dos Liceus, que era a principal instituição pública de ensino para os anos finais do Ensino Médio, e em boa parte da sua existência era modelo para todo ensino brasileiro, podemos estabelecer ligações com os apontamentos feitos ao iniciarmos nossas discussões, pois até então sabemos que o direito ao ensino era apenas para a burguesia, e agora já é possível observar possíveis causas dessa má distribuição. O Liceu Paraibano, por exemplo, foi criado no ano de 1836 e em seus primórdios foi uma instituição voltada apenas para a classe dominante, ou seja, já que o acesso para estudar nesta instituição era disponibilizado apenas à alta sociedade.

A presença da classe dominante no Liceu Paraibano pode ser confirmada quando verificamos a condição social do aluno que fazia parte dessa renomada instituição. Nomes influentes de políticos como: Antônio Mariz, Ruy Carneiro, Ernani Sátiro, Wilson Braga e João Pessoa, todos eles foram alunos do Liceu e depois se tornaram governadores da Paraíba<sup>2</sup>. Porém, os alunos do Liceu não se limitaram apenas aos políticos citados, pois entre um número bem relevante de personalidades da nossa sociedade, temos um conhecido e importante para a literatura paraibana, o poeta Augusto dos Anjos, que além de aluno foi também professor da instituição e deixou um grande legado. Segundo Menezes (1982, p. 201):

O poeta Augusto dos Anjos fará um ensaio didático por dois anos, no Liceu, e na pródiga geração dos historiadores avantajam-se, com João de Lyra Tavares rendendo muito em suas pesquisas para livros que ficarão e em aulas objetivas na Escola Normal e no Liceu.

A qualidade do ensino do Liceu Paraibano em seus primórdios estaria equiparada hoje com as grandes e renomadas instituições particulares de ensino, e muitos dos mestres que lecionaram lá fundaram suas próprias escolas, que se tornaram instituições de grande tradição em nosso estado. Os professores do Liceu não tinham preparação específica, eram escolhidos de acordo com a área de saber que tivessem mais conhecimento. Essas informações podem ser confirmadas nos estudos de Menezes (1982):

---

<sup>2</sup> 1- Dado encontrado em blog do Josélio Carneiro, alunos e mestres notáveis do Liceu Paraibano. Disponível em < [http://liceuontemhoje.blogspot.com.br/2012\\_07\\_01\\_archive.html](http://liceuontemhoje.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html) > Acesso em: 14 de fevereiro de 2018

O patrimônio educacional brasileiro é sobretudo, obra do mestre-escola; entende-se este como esforçado autodidata ou um fracassado bacharel ou um não muito ortodoxo clérigo, a voltar-se para o ensino emergentemente. Porque em toda parte solicitava-se de um cidadão com algumas letras e poder comunicativo, o exercício do magistério (MENEZES, 1982, p. 197).

Como vimos, o parâmetro de formação do quadro escolar das instituições de ensino daquela época se assemelha com os mesmos de hoje, pois, como já sabemos as escolas pertencentes ao estado estão fazendo seleção para preenchimento do quadro de forma semelhante ao que era realizado há um século entretanto, devemos considerar que o preenchimento dessas vagas deve ser feito com profissionais de saber notório, entretanto esses profissionais não poderão atuar nas áreas comuns do Ensino Médio, mas sim em disciplinas dos cursos técnicos e profissionalizantes que serão ofertados pelas instituições do Ensino Médio. Uma das críticas que surgem em relação a esse profissional, é a sua formação, pois como destaca AMORIM e SANTOS (p.137, 2016) “Trata-se de um profissional sem formação em licenciatura, o que indica desconhecimento dos processos didático-pedagógicos, no que se refere aos procedimentos metodológicos e avaliativos, por exemplo”. Ou seja, um profissional que embora tenha conhecimento em determinada área, efetivamente não saberá das questões pedagógicas e práticas do ensino-aprendizagem.

O professor de saber notório deverá ministrar conteúdos de áreas afins a sua formação, assim como orienta o inciso IV do Art. 61 da LDB:

IV - profissionais com notório saber reconhecido pelos respectivos sistemas de ensino, para ministrar conteúdos de áreas afins à sua formação ou experiência profissional, atestados por titulação específica ou prática de ensino em unidades educacionais da rede pública ou privada ou das corporações privadas em que tenham atuado, exclusivamente para atender ao inciso V do caput do art. 36;

Entretanto a crítica sobre a nova Reforma do Ensino Médio vai além da crítica sobre os profissionais de notório saber. Com a nova reforma, passa a ser obrigatório apenas o ensino de Língua Portuguesa e Matemática, e as demais disciplinas passam a serem optativas para os estudantes que terão o poder de escolher as disciplinas com as quais mais se identificarem e que pertençam à área de estudo que eles escolherem como formação profissionalizante, desde que alcancem uma carga horária permitida pela instituição.

Algumas disciplinas como Filosofia e Sociologia, que são de suma importância para que o aluno passe a ter pensamento crítico sobre os problemas políticos sociais, passam a ter um caráter estritamente de escolha do aluno sendo assim, podemos verificar o grande abismo que se forma entre as camadas sociais mais favorecidas e as menos favorecidas, a partir do pressuposto, concluímos que o acesso a melhor formação estará reservado para os mais ricos, enquanto que para a classe mais pobre resta apenas um ensino defasado e que lhe garanta uma vaga no mercado de trabalho, seja na indústria ou comércio vemos uma dualidade: para o rico, o trabalho intelectual; para a camada pobre, o trabalho braçal e servil.

Mas essa questão de historicidade não finaliza dessa forma Segabinazi (2011, p. 31) diz que “O ensino médio sempre preparou seus estudantes para exames preparatórios, e até hoje para o vestibular”. Com isso, o ensino de literatura que também fazia parte da educação básica foi excluído desta modalidade de ensino inicial, passando então a fazer parte apenas do currículo do Ensino Médio, assim como mandam as instituições que fazem os vestibulares, como se a importância do ensino de literatura tivesse apenas a finalidade de preparar os alunos do Ensino Médio para os vestibulares, o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio, diferente dos vestibulares tradicionais traz uma nova estampa para a Literatura, enquanto que os vestibulares faziam uma abordagem mais histórica a respeito dessa modalidade de ensino em suas provas, o ENEM aborda outros aspectos do texto literário, dando espaço a utilização do texto literário, nas suas mais variadas manifestações, para discutir questões de identidade e de cultura nacional.

Com base no exposto, podemos identificar que a forma como foi passada o ensino de literatura na história da educação reflete nos dias atuais, e que os problemas sociais encontrados nessa modalidade de ensino, e também em outros campos do conhecimento, atualmente nada mais são do que o reflexo de uma história na qual os maiores beneficiados foram os membros da classe dominante. A seguir, veremos de que forma essa história educacional tão separatista influenciou o ensino de literatura da atualidade.

## 1.2 O ensino de literatura na atualidade: um olhar para as escolas públicas e seus docentes

Atualmente os problemas encontrados nas diversas áreas de ensino são dos mais variados, desde a indisciplina e desinteresse dos alunos até a indiferença e descaso de professores. Rildo Cosson (2014a) faz um resumo dos principais problemas encontrados no ensino, especialmente nas escolas públicas:

Vivemos nas escolas uma situação difícil com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado que já devia ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio (COSSON, 2014a, p. 10).

Os problemas apresentados nessa reflexão são desapontadores, pois o primeiro obstáculo encontrado está na própria escola. Problemáticas que se estendem do corpo docente para o discente. Estes por não terem a consciência de quão importantes podem ser as aulas de literatura, consciência que muitas vezes, nem o próprio professor possui. Vemos com frequência nas salas de aula o desinteresse dos alunos. Isto possivelmente se dá pelo fato de não gostarem de leitura.

Todavia, os problemas encontrados vão além dos citados acima, a começar pelo currículo, que não atende às demandas orientadas pelos órgãos responsáveis pelo ensino, como exemplo os Referenciais Curriculares para o ensino Médio da Paraíba, que diz:

As sugestões metodológicas e orientações de caráter geral que seguem estão ancoradas numa concepção de ensino de literatura que privilegia o contato direto do estudante com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas. O fato de ter como meta a leitura das obras desloca o foco do ensino tradicionalmente voltado para uma historiografia excessivamente abrangente, geradora de uma abordagem que põe ênfase no decorar características de autores e estilos de época, para uma prática em que o leitor, diante do texto lido, terá condições de discutir diferentes questões que o enfrentamento com o texto possa suscitar. (Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba, p. 81, 2006).

Como podemos constatar, até os próprios documentos oficiais que norteiam o ensino de Literatura orientam a exclusão das aulas tradicionalistas que insistem trabalhar a historiografia da literatura, e orientam também a leitura de diferentes épocas e autores, levando em consideração as condições da escola e de seus alunos, mas estas orientações não são seguidas por muitos professores, pois como aponta Segabinazi:

A aula de literatura a partir dessa compreensão dos professores evidencia que ainda permanecem com a historiografia literária a partir de uma perspectiva simplista, isto é, a forma de apresentação dessa história não promove nenhum tipo de reflexão entre os tempos e sua dialogicidade (SEGABINAZI, 2011, p. 120).

E isso faz com que alguns alunos tenham uma verdadeira aversão às aulas de literatura, pelo fato de que alguns professores de Língua Portuguesa, que obedecem a um currículo tradicionalista, mesmo não sendo mais imposto pelo sistema educacional, ainda insistem em ministrar aulas voltadas para a historiografia da literatura canônica e trazendo datas e nomes de autores, sem ao menos incentivar aos seus alunos o gosto pela leitura literária, não trazem críticas sobre os assuntos abordados em alguma obra.

Quando estes professores trazem uma obra, geralmente é fragmentada, fazendo com que sua experiência de leitura não se realize por completo. Cosson (2014a, p. 20) afirma que “Para muitos professores e estudiosos da área de Letras, a literatura só se mantém na escola por força da tradição e da inércia curricular, uma vez que a educação literária é um produto do século XIX que já não tem razão de ser no século XXI”.

Com base nesses apontamentos, verificamos que os professores não compreendem o sentido e função do ensino de literatura CÂNDIDO (1972) aponta algumas funções sobre o ensino de Literatura: que é o de formar o cidadão, tanto sob o aspecto social quanto cultural e, ainda, psicológico. Longe disso, como mostra Cosson (2014a),

Do mesmo modo, é bem conhecida a fórmula horaciana que reúne na literatura o útil e o agradável. Essa tradição cristaliza-se no ensino da língua nas escolas com um duplo pressuposto: A literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo (COSSON, 2014a, p. 20).

Além disso, é por meio do ensino de literatura que podemos questionar algumas concepções que já estão estabelecidas na sociedade e que por via do ensino da sexta arte poderão ser discutidas. Sendo assim, esse ensino proporcionará uma ampliação da visão desses leitores, permitindo que eles enxerguem o ensino de literatura não como uma doutrina, mas sim a possibilidade de diferente visão sobre algo. Segundo Saraiva e Mugge (2006),

A literatura, por instituir situações que abrangem problemas humanos e por provocar a afetividade dos indivíduos, é concebida, pois como núcleo gerador de solidariedade e como uma energia tanto libertadora das tensões quanto libertadora das constrições da vida comum e rotineira. Acrescenta-se, ainda, que por reaproximar os homens devido a seus traços identitários e sua herança coletiva, a literatura é um espaço de resistência contra a homogeneização cultural (SARAIVA; MUGGE, 2006, p. 39).

Ao verificarmos a amplitude de possibilidades educacionais, sociais e humanizadoras que podem ser alcançadas por meio do ensino de literatura, ressaltamos que se torna necessária uma revisão das práticas metodológicas que estão sendo adotadas pelos docentes, pois, se o texto literário receber o devido espaço no ambiente escolar, isso possibilitará aos alunos o contato com o universo literário, que contribuirá para a formação dos alunos em leitores críticos e sensíveis.

Conforme Colomer (2007) aponta:

É a partir desse valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da educação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a *formação da pessoa*, uma formação que aparece ligada indissolivelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordaram a avaliação da atividade humana através da linguagem (COLOMER, 2007, p. 31).

Entre as implicações dos problemas atuais no ensino de literatura, há algo pertinente a ser mencionado que é a questão da substituição da obra canônica pelos produtos culturais modernos, como canções, filmes, crônicas, seriados de tevê etc. Os professores se justificam dizendo que é uma forma mais rápida de trabalhar literatura, pois muitas vezes essa metodologia de ensino é imposta inclusive pela escola. Podemos sim trabalhar com esses produtos culturais, porém a literatura canônica deve ter seu lugar na sala de aula. Contudo, vale salientar, que as práticas culturais nas obras canônicas não anulam a cultura contemporânea e vice-versa.

Cosson (2014a, p. 22) afirma que: “se o objetivo é integrar o aluno à cultura, a escola precisaria se atualizar, abrindo-se às práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas e raramente incluem a leitura literária”.

Na escola contemporânea, nem sempre costumamos ver o trabalho com o texto literário como um momento de trocas de saberes, a relação do saber antigo, das obras canônicas, com o saber das obras contemporâneas porque muitos acreditam que o momento de leitura é um ato solitário, pois como afirma Cosson (2014a, p. 27):

Lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário. O trocadilho tem por objetivo mostrar que no ato da leitura está envolvido bem mais que o movimento individual dos olhos. Ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2014a, p. 27).

Outro ponto, não menos importante do que os já citados anteriormente, é a insegurança de alguns professores na hora de escolher as obras a serem trabalhadas em sala de aula, em especial as obras consagradas, já que não se sentem à vontade para dialogar sobre a obra ou mesmo questionar algum tema abordado nesta; e esquecem da importância de se trabalhar o Cânone como forma de conhecimento da cultura de outrora, abrindo espaço também para manifestações culturais variadas de diferentes momentos históricos.

Dessa maneira, têm razão os que afirmam que não se pode pensar em letramento literário abandonando-se o cânone, pois estes trazem preconceitos sim, mas também guarda parte da nossa identidade cultural e não há maneira de se atingir a maturidade de leitor sem dialogar com essa herança, seja para recusá-la, seja para reformá-la, seja para ampliá-la. Até porque, admitindo ou não os críticos, haverá sempre um processo de canonização em curso quando se seleciona textos (COSSON, 2014a, p. 33-34).

Temos ainda como problema vigente no ensino de literatura as diferenças sociais. Não precisa conhecer muitas teorias para saber que a diferença social entre classes é um dos principais problemas com o ensino de literatura, afinal a própria história da educação brasileira já nos mostra essa diferença. Hoje é possível imaginar um jovem de classe média que estuda em uma instituição privada renomada e tem pais leitores, com acesso à biblioteca na escola e em casa; e, do outro lado, outro de mesma idade, mas de classe baixa e estudante da rede pública,

sem acesso à biblioteca na escola, tampouco em casa, seus pais analfabetos. Analisando esses dois perfis, chegamos à conclusão de que o jovem menos favorecido ficará em desvantagem de conhecimentos com o primeiro.

Adentrando nessa questão, muitas vezes, o aluno de escola pública termina o Ensino Médio sem sequer decifrar códigos e, menos ainda, realizar uma interpretação de texto, “não estamos falando de interpretação, mas sim de decifração. Há alunos que não sabem decifrar a escrita, não dominam as letras, são praticamente analfabetos” (COSSON, 2014a, p. 38).

Temos ainda, a troca da leitura literária por estudo de Charges e Histórias em quadrinhos (HQs), pois com o uso dos gêneros discursivos nas aulas de Língua Portuguesa, os educadores passaram a achar mais didáticos, mais fáceis e rápidos de serem trabalhados, sem levar em consideração o texto sem auxílio de imagem. Não que as HQs fujam da perspectiva de texto literário, mas devemos considerar que um gênero textual não substitui o outro e sim se completam em suas diversidades. Nessa perspectiva, um texto deve dialogar com o outro e não substituí-lo.

As discussões e implicações sobre os problemas e desafios encontrados no ensino de literatura incluem o avanço da tecnologia, que ao invés de ser utilizada como um instrumento a mais para a aquisição do saber é usada de forma indevida pelos educandos. Não é difícil encontrarmos em salas de aulas alunos usando aparelhos celulares durante as aulas para fins que não interessam ao ensino. Sobre este aspecto, Colomer (2007) alerta:

Outros problemas, ao contrário, ainda propõem interrogações, como o efeito que podem ter na leitura as novas tecnologias. Ainda que seja cedo para sabê-lo, parece lógico supor que terão fortes repercussões, e para isso apontam muitos estudos recentes, como o que revela que, nos Estados Unidos, os jovens entre treze e vinte quatro anos passam já mais tempo navegando na internet (16,7 horas semanais sem incluir as dedicadas ao correio eletrônico) do que diante da televisão (13,6 horas) (COLOMER, 2007, p. 22).

Analisamos ainda como as aulas de Literatura são ministradas, pois muitos professores insistem ainda em obedecer a um currículo que não atende as prerrogativas de ensino estabelecidas pelos documentos oficiais que regem o Ensino Médio, e assim seguem o tradicionalismo de ensinar literatura através de

aulas que trazem como assunto principal a historiografia da literatura brasileira, e os principais autores de cada escola literária, assim como aponta COSSON (2014a).

No ensino médio, o ensino de literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, a história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. (COSSON a p. 21, 2014)

Como vimos neste tópico, são muitos os problemas e implicações na sala de aula, especialmente no ensino de literatura. Analisamos por meio da história de que forma ações antigas, no tocante ao ensino de literatura, se refletem nos dias atuais e também os problemas mais recentes que tanto dificultam esse ensino, vimos nesse tópico como principais problemas que norteiam o ensino de literatura: a indisciplina dos alunos, o desinteresse pelas aulas de literatura, o currículo tradicionalista, substituição do cânone por produtos culturais modernos, falta do texto literário na íntegra, as diferenças sociais, o uso desmedido das tecnologias e por último e não menos importante o ensino de literatura que tem como base a historiografia da literatura brasileira.

No próximo tópico veremos sugestões que visem auxiliar a resolução dos problemas mais recorrentes no ensino de literatura, apontados no presente trabalho.

### 1.3. Estratégias e possíveis auxílios aos problemas mais comuns no ensino de literatura

Após visualizarmos tantos problemas encontrados nesta modalidade de ensino, algumas inquietações de como solucionar esses problemas começam a surgir. Entretanto, sabemos que não é tão simples, pois são problemas que perpassam a história. Porém, para que a leitura literária se efetive nas escolas, torna-se imprescindível que os professores reflitam sobre sua necessidade e compreendam que:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, 2014a, p. 30).

Sendo assim, é preciso trazer o texto literário não apenas com o pretexto de ensaio de leitura, mas sim como uma possibilidade de conhecer e compreender esse novo espaço, outrora desconhecido, haja vista ser preciso entender que a literatura é um mundo desconhecido e pronto para ser desvendado.

Então, para elaborar as estratégias de ensino que contribuem para a leitura literária em sala de aula, selecionamos o método recepcional, apesar de ser ainda um método pouco utilizado nas escolas brasileiras, em especial nas escolas públicas, iremos aqui aliar esse método junto à sequência básica do Rildo Cosson. Sabemos que na maioria dos casos os professores não levam muito em consideração as experiências e conhecimento de mundo dos alunos, por isso o uso desse método se faz importante para a elaboração do projeto de leitura que segue no final deste trabalho. Sendo assim, será por intermédio deste método, extraído da **Teoria da Recepção**, de Hans Robert Jauss, que chegaremos aos alunos de forma efetiva, pois esses terão subsídios para uma leitura mais prazerosa e com melhores resultados, que será construída passo a passo. Aos poucos, o aluno vai se acostumando com os textos, autores e obras e entendendo que a leitura é um momento de novos conhecimentos, de prazer e não apenas obrigação. Os estudos de Bordini e Aguiar (1993) apontam que:

O método recepcional é estranho à escola brasileira, em que a preocupação com o ponto de vista do leitor não é parte da tradição. Via de regra, os

estudos literários nela têm se dedicado a exploração de textos, e de sua contextualização espaço-temporal, num eixo positivista. O relativismo de interpretação e, portanto, de leitura não é tópico de consideração no âmbito acadêmico, o que se explica pela tendência ao autoritarismo da própria cultura brasileira, que endeusa seus expoentes, temerosa de expô-los à crítica (BORDINI; AGUIAR, 1993, p. 81).

O método recepcional causa estranhamentos pelo fato das aulas de literatura serem ainda verdadeiros monólogos profissionais da educação trabalham ainda de forma tradicionalista, aulas ministradas de forma meramente expositiva, pois essa forma de trabalho para muitos é mais fácil e menos trabalhosa, inclusive fazendo uso apenas do livro didático, por ser mais prático. Para entender melhor o método vamos analisar as cinco etapas: 1) *Determinação do horizonte de expectativas*; 2) *Atendimento do horizonte de expectativas*; 3) *Ruptura do horizonte de expectativas*; 4) *Questionamento do horizonte de expectativas*; 5) *Ampliação do horizonte de expectativas*. Analisando detalhadamente ao que cada uma dessas etapas se refere, ficará mais claro a que se propõe o método recepcional.

Na primeira etapa haverá um prévio conhecimento de campo, no qual o professor buscaria conhecer o aluno, levando em consideração sua vida, valores, crenças, lazer e leituras já realizadas por eles. Na segunda etapa, o professor deverá apresentar experiências com textos literários que se adequem às necessidades dos alunos, de acordo com o conhecimento exposto na etapa anterior pelos alunos. Na terceira etapa, o professor fará uma quebra no que já foi exposto nas etapas anteriores, com a introdução de novos textos, abalando as certezas e costumes dos alunos. Na quarta etapa, o professor deverá inferir questionamentos e comparações entre o novo e o que já era conhecido pelos alunos.

Na quinta e última etapa, o docente mediará o momento no qual os alunos se tornarão conscientes das aquisições dos novos conhecimentos que foram obtidos por meio da experiência com a leitura. No entanto, para que essas cinco etapas do método recepcional possam lograr êxito, é importante que haja uma oferta de livros que tratem do assunto próximo à realidade dos alunos.

O método recepcional será trabalhado aliado à sequência básica, pois os dois pressupõem estratégias para o ensino de literatura que levam em consideração em um primeiro momento a vivência de mundo do aluno e suas experiências, partindo para novos encontros e descobertas.

Outro ponto pertinente a ser levado em consideração dentre as estratégias para melhorar o ensino de literatura é o uso da obra canônica, pois é por meio das obras canônicas que podemos resgatar a cultura que, com o avanço das tecnologias e novos campos de conhecimento, acabaram perdidas no tempo.

Cosson (2014a, p. 40) nos mostra algumas alternativas que facilitariam o ensino de literatura: a primeira etapa será uma sequência didática que fará os alunos compreenderem melhor o que leem e, dessa forma, as aulas certamente terão mais êxito. A proposta de Cosson seria uma sequência dividida em três partes: antecipação, decifração e interpretação. Na primeira podemos ver o momento que antecede o contato do aluno com a obra literária e também seus conhecimentos de mundo que fazem relação com a obra; na segunda existe o momento de decodificar o texto propriamente dito; e na terceira e última temos a interpretação, que é justamente o encontro entre o leitor e o texto de literatura.

Não podemos esquecer ainda que a disciplina de língua portuguesa, no que se refere ao ensino de literatura, é bem mais do que apenas uma aula de leitura, é um universo de possibilidades que trata de várias áreas de conhecimento.

A aprendizagem da literatura, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem da literatura que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus leitores (COSSON, 2014a, p. 47).

Veremos agora um passo a passo sobre a sequência básica do Rildo Cosson, que será a base para o projeto didático apresentado ao final deste trabalho, além da sequência básica utilizaremos também, o Método Recepcional de Bordine e Aguiar para fazer a primeira parte do projeto didático, que seria a motivação. Essa sequência será montada em quatro passos a serem mostrados a seguir: motivação, introdução, leitura e interpretação.

*Motivação* pode ser denominada como o momento em que se antecipa o texto, “indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação” (COSSON, 2014a, p.54).

Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler a seguir. A construção de uma situação em que os alunos devem

responder a uma questão ou posicionar-se diante de um tema é uma das maneiras mais usuais de construção da motivação (COSSON, 2014a, p. 55).

O segundo passo é a introdução, que é justamente o momento no qual o aluno tem seu primeiro contato com autor e obra. A partir daí é que o professor tem a oportunidade de mostrar para o aluno a obra física e as partes que a compõem, é nesse momento que será feita a escolha das obras e o começo de novas histórias, além de novas descobertas.

Cosson (2014a) em seus estudos esclarece essa etapa:

As apreciações críticas presentes nas orelhas ou na contracapa são instrumentos facilitadores da introdução e muitas vezes trazem informações importantes para a interpretação. O professor pode aproveitar o tom positivo desses textos para explicitar aos alunos as qualidades que levaram a selecionar tal obra. Também tem relevância os prefácios que possuem lugar especial na introdução (COSSON, 2014a, p. 61).

O terceiro passo dessa sequência será a leitura das obras. Será nesse momento que professor e os alunos decidirão como será feita a leitura desta. Caso seja uma obra de curta duração, como contos e poemas, a leitura poderá ser feita na sala de aula porém, se a obra for um romance, é recomendável que o professor sugira que a leitura seja feita extraclasse, mas sem que haja cobranças por parte do professor e sim um acompanhamento de forma que auxilie os alunos conforme forem surgindo dificuldades, pois

[...] quando o texto é extenso, o ideal é que a leitura seja feita fora da sala, seja na casa do aluno ou em um ambiente próprio como a sala de leitura ou a biblioteca por determinado período. Durante esse tempo cabe ao professor convidar os alunos a apresentar os resultados de sua leitura no que chamamos de intervalos. Isso pode ser feito por meio de uma simples conversa com a turma sobre o andamento da história ou de atividades mais específicas (COSSON, 2014a, p. 62).

E, por último, temos o quarto passo, a interpretação, que podemos nomear como um lugar de encontro após o ato da leitura; “a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção de sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade” (COSSON, 2014a, p. 64).

Até então discutimos as dificuldades do ensino de literatura no Brasil, situando um contexto que penetra na história desse ensino, mas que chega à

atualidade evidenciando as problemáticas e mudanças de paradigmas a respeito do que se ensina na literatura na escola pública atual.

A partir dessa exposição, apresentamos um auxílio que ajude na modificação do ensino de literatura na escola com o advento de estudos teóricos baseados na Estética da Recepção e com a inserção de metodologias que têm por objetivo a leitura efetiva do texto literário. No próximo capítulo vamos adentrar nas questões sobre Ariano Suassuna e a cultura nordestina também veremos como a cultura nordestina presente nas obras do Ariano poderão auxiliar no projeto de leitura a ser desenvolvido ao final desse trabalho. Para isso utilizaremos o Movimento Armorial que teve seu marco inicial alicerçado na obra do Ariano Suassuna, mas que também se fez importante para a divulgação de outras formas de artes presentes na cultura nordestina, e uma das formas de trabalhar esse movimento será trazendo alguns exemplos dessa cultura. Esse movimento teve como base e meta fundamental elaborar uma arte de natureza erudita entretecida por ingredientes típicos da cultura popular nordestina.

## 2. ARIANO SUASSUNA: VIDA, OBRA E O MOVIMENTO ARMORIAL

Neste segundo capítulo iremos adentrar nas questões sobre Ariano Suassuna, abordando um pouco de sua vida e obra e como se insere na cultura nordestina. Veremos também o Movimento Armorial, que teve seu marco inicial alicerçado na obra do escritor. O movimento teve como base e meta fundamental elaborar uma arte de natureza erudita entretecida por ingredientes típicos da cultura popular.

Veremos também como são trabalhadas as obras de Ariano, pois sabemos que estas devem ser trabalhadas no ensino médio, especificamente no terceiro ano, a fim de ser importante para os alunos fazerem diálogo(s) entre os costumes do nordeste brasileiro e os costumes da cultura portuguesa/espanhola/árabe, por exemplo, tendo em vista que essas influenciaram diretamente (não só pela língua) a produção literária no Brasil. Para isso, proporemos uma sequência básica a partir de Cosson (2014a; 2014b) e do Método Recepcional pensado por Bordini e Aguiar (1993) a partir da Teoria da Estética da Recepção, de Hans Robert Jauss.

### 2.1. Quem foi Ariano Suassuna?

O dramaturgo, romancista e poeta brasileiro Ariano Vilar Suassuna<sup>3</sup> nasceu em João Pessoa, no dia 16 de junho de 1927, filho de João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna e Rita de Cássia Dantas Villar. Em 1930, aos três anos de idade, perdeu tragicamente o pai, vítima de um crime político, no Rio de Janeiro. Sua mãe teve que fugir várias vezes com a família, perseguida pelos assassinos de seu marido. **Ariano Suassuna** realizou seus estudos fundamentais em Taperoá, sertão da Paraíba, pois aí passou a infância, no Sítio Acauã. Foi lá em Taperoá que ele teve os primeiros contatos com a cultura popular, presenciando um teatro de mamulengos e um desafio de viola.

No ano de 1942, Ariano muda-se para o Recife com sua família, onde estudou no ginásio pernambucano e depois no Colégio Oswaldo Cruz. Em

---

<sup>3</sup> Foi escritor e dramaturgo brasileiro, autor do Auto da Compadecida, considerada sua obra prima que foi adaptada para o cinema e televisão. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/ariano-suassuna/>>/ Acesso em: 28 de março de 2018.

sequência a seus estudos ingressou no ano de 1946 na Faculdade de Direito de Recife, e foi lá que conheceu seu grande amigo Hermilo Borba Filho, com quem fundou o Teatro de Estudantes de Pernambuco. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1950 e também em Filosofia, em 1964. Ariano que até então era agnóstico, se converteu à religião católica, fato que influencia, sem dúvidas, sua produção artística.

Casou-se com Zélia de Andrade Lima e teve seis filhos. Ocupou cargos no Conselho Federal de Cultura, no Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, foi Secretário de Educação e Cultura do Recife, e conquistou uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, na Academia Pernambucana de Letras e também na Academia Paraibana de Letras. Em suma, foram muitos marcos importantes na vida do escritor.

Pretendemos aqui averiguar até que ponto a vida pessoal de Ariano influenciou na sua obra alguns pesquisadores já falaram sobre isso. A exemplo temos a obra de Adriana Victor e Juliana Lins (2007). Nessa obra, as autoras trazem a história de Ariano e também fazem uma relação de aproximação entre a vida do autor e suas obras.

Ariano, em muitas de suas obras, usa recortes de sua própria vida como inspiração e também se inspira claramente nas suas leituras de quando era menino. Ele retrata o momento em que sua tia o ensinou a ler e diz: “eu, brincando, digo não sabia ela que estava me escravizando para o resto da vida. Claro que brincando, porque ela estava me abrindo um reino da mais alta importância, o reino da leitura” (VICTOR; LINS, p. 29, 2007).

Foi com todo esse entusiasmo que Ariano aprendeu a ler e fez um bom uso da biblioteca deixada por seu pai. Entre as obras deixadas por ele estava o original de *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Esta foi uma grande influência na escrita de Ariano, já que estabelece uma relação significativa com o povo sertanejo,

Com *Os sertões*, Euclides da Cunha constrói um documento que denuncia a fome, a seca, o desprezo dos poderosos pelos que quase nada têm, o imenso fosso que separa o Brasil do litoral do Brasil que não enxerga as águas do mar. O livro também provoca uma das mais fundamentais reflexões sobre a identidade brasileira (VICTOR; LINS, p. 31, 2007).

As obras de Ariano foram inspiradas também por obras como esta de Euclides Cunha, mas também pelos contos populares, rodas de viola, cordel e

romanceiro popular, desde a criação do espaço onde se passavam suas histórias até a criação dos personagens,

Ariano assistiu a uma peça encenada por bonecos, os mamulengos, chamados em alguns lugares do Brasil de marionetes. O ator principal era um boneco negro de nome Benedito, que entrava numa briga com a polícia. Ariano se lembraria para sempre de algumas cenas da peça. Anos depois quando escreveu *A pena e a lei* chamou de Benedito um dos personagens em homenagem àquele que se exibiu no Sertão, cenário de quase todas as obras do autor (VICTOR; LINS, p. 33, 2007).

Nos seus Autos podemos ver ainda a presença da cultura circense, o palhaço aparece como o narrador em algumas de suas peças, e toda essa influência partiu de seu encantamento com o mundo do circo. Victor e Lins (2007, p. 27) dizem que

Se o circo já era a festa maior, nele também havia um personagem principal: o palhaço. E entre todos os palhaços o mais inesquecível era Gregório, astro do circo Stringhini. A lembrança de Gregório está até hoje, marcada na literatura brasileira: é ele o palhaço-narrador do *Auto da Compadecida*, obra mais consagrada de Ariano Suassuna.

Podemos ver também na literatura de Ariano a presença do trágico, que foi demonstrado na obra de Carlos Newton Júnior (1999), a qual traz evidências de que o trágico que se dá na escrita de Ariano é devido a essa tríade. Mas não se trata apenas do trágico e sim do reconhecimento de Ariano não apenas como um escritor, mas também como um artista completo que atuou em várias áreas do campo da arte.

Conforme NEWTON JÚNIOR (1999, p. 16)

É preciso reconhecer que falar de Suassuna é falar de um escritor fora do comum. Melhor seria, talvez, nem tratá-lo por escritor. Melhor seria tratá-lo por artista, uma vez que espraiou sua intuição por gêneros literários e extraliterários. Começando pela poesia, escreveu teatro, romance, ensaio, trabalhou com desenho, pintura e tapeçaria. E não achando mais em que exercer seu talento terminou inventando um gênero só seu, batizado por ele de iluminogravura — trabalho em que integra poesia e pintura.

A arte da iluminogravura também faz parte do movimento armorial, pois também é perceptível nela a integração de duas artes armoriais, que é um dos pressupostos do movimento armorial. A arte da iluminogravura consiste na junção de Iluminuras com gravuras. É um tipo de poesia visual: une o texto literário e a

imagem. Objeto artístico, remoto e atual, que alia as técnicas da iluminura medieval aos modernos processos de gravação em papel, Newton Júnior diz:

Uma das características mais importantes da estética armorial – estabelecida pelo próprio Suassuna e anunciada formalmente a partir do lançamento oficial do Movimento Armorial, em 1970 – reside na ideia da integração das artes, contrariamente ao princípio da autonomia defendido pela estética que surgiu com o modernismo (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 17).

Na obra de Ariano, não vemos apenas a presença do Movimento Armorial como o cômico e as iluminogravuras, encontramos também o trágico, que se evidencia em sua obra por meio de ligações com sua própria vida. Para Newton Junior (1999),

A visão trágica do mundo, encontra-se alicerçada em três temas predominantes. O primeiro deles, e diríamos o fundamental, que dá origem aos outros dois, é a morte do pai João Suassuna... Na adolescência, a partir da tomada de consciência da morte do pai, das condições específicas em que ela ocorreu das consequências imediatas que trouxe a família – perseguições políticas e dificuldades econômicas que levaram a progressiva perda das propriedades deixadas pelo chefe – começa a desenvolver o trágico em Ariano Suassuna. (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 18).

Essa relação do trágico com a morte de seu pai acaba influenciando os outros dois pontos mostrados por Newton Júnior, pois, após a morte de seu pai, Ariano e sua família tiveram de se mudar e se esconder diversas vezes, fugindo dos inimigos políticos de seu pai. E foi justamente aí que se configurou o exílio, não só na vida de Ariano, mas se configurando mais tarde em sua literatura. O exílio é o segundo ponto que traz o trágico para a poesia e obras desse escritor,

Em determinados momentos este exílio existencial é realçado ou sugerido pelo próprio exílio físico. Ambos os casos são encontrados em sua poesia, escrita por um sertanejo forçado a deixar o sertão da infância para viver na cidade grande – no caso o Recife onde se encontra radicado desde 1942 (NEWTON JÚNIOR, p.20, 1999).

E o terceiro e último ponto é o reino – citado anteriormente – presente na obra de Ariano, que pode ser constatado quando ele fala do reino da leitura, e para ele tanto pode ser um reino imaginário quanto um lugar de refúgio para se esconder das dores impostas pela sua trajetória.

Por fim, como consequência e coroamento do trágico, ou como amadurecimento do próprio estar-no-mundo, surge à perspectiva do reino, esse reino não deixa de ser utópico. Trata-se de uma “Utopia do futuro” baseado em utopia do passado. O

reino será o lugar onde o mundo adquire sentido. A construção de um reino literário aparece, também, como forma de apaziguar o sofrimento do homem no mundo (NEWTON JÚNIOR, 1999, p. 20).

Consideramos então que essa tríade que forma o trágico na obra de Ariano está realmente ligada à morte de João Suassuna, seu pai. No próximo tópico abordaremos o Movimento Armorial e suas vertentes da cultura nordestina presente em todas as artes criadas por Ariano Suassuna.

## **2.2. Movimento Armorial**

O Movimento Armorial, idealizado por Ariano Suassuna, teve seu marco inicial alicerçado na obra do autor. Esse movimento teve como base e meta fundamental elaborar uma arte de natureza erudita entretecida por ingredientes típicos da cultura popular nordestina. Ao idealizar o Movimento Armorial, Ariano recorreu à cultura nacional, idealizando formar uma arte consolidada, que desse maior realce aos elementos encontrados na cultura nordestina, assim revela Crux (2013):

No dia 18 de Outubro de 1970, na Igreja São Pedro dos Clérigos em Recife, iniciou-se oficialmente o movimento, no qual se busca trazer a resposta a essa pergunta. O idealizador foi e é o dramaturgo e romancista pernambucano Ariano Suassuna, que naquela data lançou o concerto-pedagógico, com a Orquestra Armorial, intitulado “Três Séculos de Música Nordestina: do Barroco ao Armorial”, no qual a pintura, escultura e xilogravura se uniam à música para lançar as ideias do escritor (CRUX, 2013).

A arte armorial é bastante densa, pois podemos apreciá-la em diversos segmentos artísticos como a música, o teatro, a poesia, a dança, xilogravura, escultura e inclusive no cinema. Foi por meio da música que o movimento teve seu início, a princípio era a Orquestra Armorial e logo em seguida do seu lançamento foi transformada em um grupo menor, para então se chegar a estética pretendida por Ariano, o grupo passou a se chamar o Quinteto Armorial.

Segundo Aguiar (2014), no que se refere à música, podemos constatar a influência das raízes ibéricas, que têm origem na cultura espanhola influenciada pelos mouros no período barroco. Os instrumentos mais comuns na música armorial eram: o violão, o violino, a viola caipira, flauta ou pífano e o marimbau, na percussão.

Na literatura e no teatro podemos afirmar que foi o romancista popular que representou de forma atuante o movimento armorial, pois “vários poetas e prosadores se aproximaram do armorial, entre eles: Ângelo Monteiro, Deborah Brennan” (AGUIAR, 2014, p.16), e ainda segundo Ariano, apresentava uma poesia mais aristocrática e de forma mais livre, a exemplo de Janice Japiassu, Marcos Accioly, Raimundo Carrero e Maximiano Campos, pois esses artistas apresentavam diferentes formas de manifestar a cultura popular do Nordeste.

Dessa forma, o Movimento Armorial uniu artistas possuidores de linguagens pessoais que traduziam a maneira de pensar o Nordeste com a cultura popular, indo de encontro à indústria cultural. Cabe ressaltar que a adesão a essa estética se deu de maneiras diferentes para cada artista. Enquanto uns optavam pelo tema ou por imagens, outros optavam pela forma.

No teatro, vemos a união de toda obra do movimento Armorial, pois é por meio dele que podemos ver a literatura, a música, a dança e as artes plásticas da xilogravura, transmitindo assim todo imaginário fantástico presente na literatura de Ariano e de outros artistas que integravam esse movimento. O teatro do Movimento Armorial “traz elementos estéticos que respeitam a unidade da poética armorial, na medida em que o cenário, os figurinos e a música entram em sintonia com um texto” (AGUIAR, 2014, p.17).

A arte Armorial, define-se, portanto, por uma relação “fundadora” com a literatura popular do Nordeste e particularmente com o folheto de feira, que o artista Armorial ergue como bandeira por unir três formas artísticas distintas: a poesia narrativa de seus versos, a xilogravura de suas capas, a música (e o canto) de suas estrofes (SANTOS, 2009 apud AGUIAR, 2014, p. 17).

Veremos no próximo capítulo como a literatura contemporânea poderia ser vista no ensino básico, seja no fundamental ou médio, em contraste com algumas metodologias que vêm sendo feitas. Apresentaremos também um projeto didático, especificamente a abordagem de uma experiência de leitura, que visa contemplar obras de Ariano Suassuna e também do Movimento Armorial.

### **2.3 Principais obras de Ariano Suassuna**

Ariano Suassuna foi um grande poeta brasileiro, romancista e dramaturgo, que enriqueceu a Literatura e o Teatro Brasileiro com suas obras que reúnem a

cultura nordestina, em particular, a valorização da regionalização, a religiosidade, a literatura nacionalista e a característica popular em sua dramaturgia, na qual a maioria dos seus personagens são sertanejos e apresentam vida simples.

No período de 1947 a 1976, se destacam as seguintes obras de Ariano Suassuna: 1947- Uma Mulher Vestida de Sol; 1948-1949- Cantam as Harpas de São e Os Homens de Barro; 1951- escreveu Torturas de Um Coração; 1953-1955- O Castigo da Soberba, O Rico Avarento e O Auto da Compadecida; 1957- foram encenadas as suas peças O Casamento Suspeitoso e O Santo e a Porca; 1958- encenadas as peças O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna; 1959- A pena e a Lei, premiada dez anos depois no Festival Latino-Americano de Teatro; 1960- A Farsa da Boa Preguiça e A Caseira e Catarina (1962). Entre 1958-79- dedicou-se à prosa de ficção, publicando o Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta(1971) e História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão, Ao Sol da Onça Caetana(1976).

Para tanto, no conjunto das obras de Ariano Suassuna, veremos, no próximo item, a obra *O Auto da Compadecida*, por ter visões acerca do Nordeste e de diversas culturas desse povo e da região, entretanto, aborda características principais do autor como as tradições, a cultura nordestina e o uso da comédia, como também a questão de religiosidade e cultura popular que se apresenta na obra através de seus personagens, mostrando as diversas camadas da sociedade brasileira e que nos remete a uma crítica sobre a Igreja Católica que versa sob as injustiças, poder e corrupção.

### *2.3.1 O Auto da Compadecida: um passeio pela cultura nordestina*

A obra *O Auto da Compadecida*, escrita por Ariano Suassuna em 1955, permeia em uma linha de atmosfera circense, baseada nos romances e histórias populares do Nordeste, que segue uma linha de simplicidade pela qual foi concebida. A obra nos remete a elementos e personagens que trazem uma trajetória simples e sofrida, evidenciando que é preciso lutar para sobreviver em meio à seca e a todos os problemas que envolvem valores morais e sociais.

Desse modo, destacamos a peça *O Auto da Compadecida*, que teve um grande destaque ao ser encenada no Rio de Janeiro, 1957, por ocasião do 1º Festival de Amadores Nacionais, trazendo assim, um novo tipo de teatro

desenvolvido na tradição popular que passa a ser destaque pelo Brasil. No decorrer da peça, é possível destacar que é um trabalho de montagem e moldagem trazida de uma tradição antiga, que nos leva aos autores populares que se empenharam ao gênero cordel, apresentando histórias recontadas com toque pessoal.

Diante disto, definimos esse tipo de literatura como “arte de criar e compor textos” <sup>4</sup>que vem trazendo conhecimento e cultura, além de retomar contato com experiências do ser humano ao longo do tempo, vem trazendo expressões de um determinado contexto, de um povo evidenciando autores, obras, características. A literatura representa uma arte que não pode ser levada em consideração um fato da vida real, sendo ela fantasiosa, ouvida ou lida. Ela vem com algo que o autor quer mostrar ou passar para o leitor através da obra, fazendo que o leitor use a interpretação e a imaginação.

Debruçando-nos sobre a obra, observamos o quanto os moradores da cidadezinha sertaneja de Taperoá tinham que lutar para sobrevivência, pois a falta de chuva no sertão trazia a maior consequência a “fome”, que surge como a pior luta que eles poderiam ter, pois tanto pessoas e animais sofrem com essa consequência e que a partir daí começam a surgir outros problemas como a questão financeira, que leva o nordestino a ser esperto e sábio para poder conseguir viver diante das dificuldades e adversidades que se apresentam no caminho. A obra em si traz a seca como uma realidade triste para os nordestinos, uma vida dura e sofrida do sertão, e que através dos seus personagens como João Grilo, Chicó, o Padeiro e sua mulher, representada por Dora, o Padre, o Sacristão, o Bispo, o cangaceiro Severino, o Major Antônio Moraes, é que a trama vai caracterizando o teatro brasileiro, em especial, o nordestino, como também a forte presença religiosa que gira entorno do bem e do mal, que mostra aquele nordestino que se apega a Deus e que demonstra o medo do lado mal que se apresenta na obra.

A obra se destaca pelas aventuras quixotescas de João Grilo e Chicó, que vivem na cidadezinha sertaneja de Taperoá, em que João Grilo leva os acontecimentos de forma imaginosa, juntamente com seu companheiro Chicó, no qual se envolvem no caso do cachorro da mulher do padeiro que engloba diversos personagens que vão se apresentando aos poucos na trama que culmina com o julgamento diante de Jesus, Virgem Maria e o Diabo.

---

<sup>4</sup> Definição disponível em: < <https://www.significados.com.br/literatura/>>. Acesso em: 28 de março de 2018

No desfecho da trama, Suassuna relativiza valores e convicções como os valores sociais, da moral católica e da presença folclórica apresentada por João Grilo que é típico herói quixotesco que vai se envolvendo com diversos personagens e com suas próprias mentiras, apresentando uma linha marcante de humor que envolve nas circunstâncias em que eles participam. Ele enfatiza questões relacionadas a pobreza, adultério, morte, religiosidade, preconceito social e racial e entre outros que caracteriza o cenário do sertão nordestino, trazendo a esperteza do sertanejo para se livrar de algumas situações do dia a dia, a criatividade de criar histórias mirabolantes, como o caso da dupla João Grilo e Chicó, pois estes remetem a momentos de algumas histórias fantasiosas que se passaram com eles, sendo uma das características dos sertanejos que costumam contar suas histórias criadas pelas suas mentes, e que dificilmente poderiam ter acontecido.

É importante destacar que Ariano traz a fragilidade do amor quando envolve de forma clara o adultério, representado pelos personagens Chicó, Rosinha e Dora, como também é visto a problemática da corrupção eclesiástica, com o favorecimento social, representado pelo Padre João e João Grilo. Logo, percebe-se os fortes traços religiosos apresentados pela devoção da população pelos santos, pelo cangaceiro violento, Severino de Aracaju, que tem uma devoção por Padre Cícero, o qual pede a retirada de sua tropa da cidade à pedido do seu “padim”, e por último temos a devoção de João Grilo por Nossa Senhora, que surge na hora do julgamento para interceder pelos personagens depois de mortos. Outro ponto importante a ser ressaltado, é o preconceito por parte de alguns personagens em relação à feição de Jesus Cristo que aparece negro no decorrer da trama, fazendo com que os personagens fiquem em dúvida em relação à verdadeira feição de Jesus, quando o mesmo aparece com uma imagem totalmente diferente do que eles imaginavam.

O Auto da Compadecida retrata histórias de vida representadas em cenas memoráveis da literatura brasileira, apresentando o perfil do homem nordestino, lutador, corajoso e forte, que leva a vida difícil com sabedoria e humor, sem se deixar abater por pequenos problemas que aparecem no seu dia a dia, buscando encontrar a sua existência no meio de tantos obstáculos da vida que estão presentes no cenário Nordestino, pois Ariano Suassuna quis mostrar toda essa

realidade através de seus personagens, que expressam sua cultura, costumes, alegria, simplicidade e criatividade, através de suas lutas diárias.

### **3. LITERATURA: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS DAS AULAS DE LITERATURA NO COTIDIANO ESCOLAR**

Neste capítulo analisaremos as práticas usadas nos anos finais do ensino médio sobre as aulas de literatura e também como poderia ser tendo por base os referenciais curriculares da Paraíba. Veremos ainda um projeto didático sobre literatura contemporânea, que evidencie as obras que fazem parte do movimento armorial. Contemplando as considerações apresentadas no presente trabalho, a fim de que amenizemos os principais problemas encontrados no ensino de literatura. Como arcabouço para nosso projeto de leitura utilizaremos a Sequência básica do Rildo Cosson.

SEGABINAZI (2011) em pesquisa para sua tese traz alguns apontamentos sobre como tem se passado o ensino de literatura numa das principais escolas públicas do estado da Paraíba: o Liceu paraibano. Nessa pesquisa podemos ver nitidamente como têm sido as aulas de literatura (sem generalizar). As aulas de literatura se dão ainda de forma que é levado para o aluno apenas a historiografia da literatura. De acordo com SEGABINAZI (2011, p. 120), “três professores definem a função da literatura a partir dos conhecimentos que ela proporciona aos alunos sobre as formas de expressão (a linguagem literária), estilos e escolas literárias de tempos passados”. Então, podemos confirmar através desse recorte o que já havia sido dito anteriormente a esse respeito.

Outra prática comum no ensino de literatura nas escolas públicas é o uso do livro didático como principal metodologia utilizada para trabalhar a literatura, o que corrobora ainda com o que foi mostrado anteriormente, sobre trabalhar a historiografia da literatura como método de ensino, as aulas seguem as prerrogativas do livro didático, segundo SEGABINAZI (2011, p.122) “permanência da história literária nas aulas de literatura como conteúdo primordial, inclusive orientada quase exclusivamente pelo livro didático”. Podemos presumir então que as leituras são feitas de forma fragmentadas, pois na maioria das vezes o livro didático é o único material utilizado nessas aulas, com exceção de quando é feito o uso de cópias xerografadas.

Como sabemos, o professor de Língua Portuguesa da escola pública não é responsável somente pelo ensino de língua ou de literatura em suas aulas. No

sistema público de ensino, os professores de língua materna são responsáveis por ministrarem o ensino de língua, literatura e produção textual, o que dificulta ainda mais a eficácia do ensino não só de literatura, mas também das outras vertentes da Língua Portuguesa. Podemos constatar, a partir desta informação, que há uma sobrecarga sobre o professor de língua materna, e que há uma disparidade notável entre os professores da rede pública e privada, já que nesta há uma divisão de tarefas, ou seja, um professor para cada vertente da língua; e naquela, uma sobrecarga de tarefas, pois como já foi mencionado o professor da rede pública é responsável pelo ensino de todas as vertentes da Língua Portuguesa.

Como já vimos claramente neste capítulo, o principal problema elencado às práticas em sala de aula, no tocante ao ensino de literatura é a forma tradicionalista de se trabalhar a historiografia da literatura e o uso exclusivo do livro didático, fazendo com que os alunos conheçam a literatura em sua forma mais minimalista possível, sem que haja um mínimo contato que seja com a obra literária na íntegra. Os Referencias Curriculares orientam um contato mais amplo com a literatura, de forma que seja possível a leitura dessas obras em sala de aula, podendo assim, haver uma maior interação entre alunos e professores. Neste momento de interação das partes será possível um olhar crítico e humanizado em relação ao que for lido, sem dar maior foco para a historicidade da literatura.

Sendo assim, veremos a literatura sendo inferida em sala de aula para o fim a que se dispõe, que é formar cidadãos críticos e humanizados. Desta forma atenderemos as demandas dos alunos que chegam à escola carentes desse senso crítico, assim como apontam os documentos oficiais que regem o ensino de literatura, a exemplo os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba, que diz:

As sugestões metodológicas e orientações de caráter geral que seguem estão ancoradas numa concepção de ensino de literatura que privilegia o contato direto do estudante com as obras literárias de diferentes gêneros e épocas. O fato de ter como meta a leitura das obras desloca o foco do ensino tradicionalmente voltado para uma historiografia excessivamente abrangente, geradora de uma abordagem que põe ênfase no decorar características de autores e estilos de época, para uma prática em que o leitor, diante do texto lido, terá condições de discutir diferentes questões que o enfrentamento com o texto possa suscitar (RCEM, 2006, p.81).

Em face do que já foi exposto, veremos a seguir mais alguns apontamentos sobre o que dizem os Referenciais Curriculares da Paraíba, já que em tese o ensino

médio deveria ser norteado à sua luz. Uma das orientações do RCEM é a leitura na íntegra das obras a serem escolhidas, que poderão ser de diferentes gêneros textuais, desde que contemplem as expectativas dos professores e educandos.

A maior exigência dessa concepção está no fato de que educandos e professores terão que ler as obras de diferentes gêneros e discuti-las a partir de inquietações reais suscitadas pela leitura. Nessa perspectiva, a sala de aula deverá se transformar no espaço de leitura e do debate, possibilitando convívio democrático e integrador da reflexão (RCEM, 2006, p.81).

Dando continuidade ainda sobre esses apontamentos feitos pelos Referenciais curriculares no tocante à leitura das obras literárias na íntegra e em sala de aula, surge outro questionamento: como será feita essa leitura? Pois não queremos aqui leitores colecionadores de títulos lidos e que decore as características estilísticas sobre o que foi lido, mas sim um leitor crítico que saiba fazer reflexões políticas sociais e até mesmo pessoais sobre o que foi lido. Pois o leitor que queremos formar é aquele que “mesmo diante de algumas dificuldades, tenta superá-las, consciente de que, muitas vezes, a leitura mais exigente pode gerar uma satisfação maior, um prazer de ler mais duradouro”. (RCEM, 2006, p.82)

Outro ponto estritamente importante, e que não se dirige apenas ao ensino de literatura, mas sim a todas as disciplinas que compõe o Ensino Médio é ser feito um currículo que considere as questões culturais e regionais de cada estado, por isso o ponto de partida para o projeto de leitura é justamente a valorização da cultura nordestina. O RCEM aponta porque se faz importante cada estado elaborar suas próprias referências curriculares.

Para a consolidação desse conjunto de ações no currículo da escola de ensino médio, garantindo a autonomia pedagógica preconizada na LDB (art.15), faz-se necessária a construção de uma referência estadual, sobre a composição do currículo. Essa referência deve dar conta das peculiaridades regionais e locais, em relação às demandas reais de aprendizagem, apresentadas pela vida escolar ou pelas circunstâncias sociais econômicas e intelectuais do momento (RCEM, 2006, p.10)

Os Referenciais Curriculares indicam ainda que o currículo que contempla o ensino historicista seja invertido, tendo em vista que a literatura, que é apresentada nos anos iniciais do ensino médio, apresenta obras de alguns séculos atrás, o que as torna menos atrativas para os alunos dos anos iniciais do Ensino Médio, que em sua maioria são adolescentes entre quatorze e quinze anos. Sendo assim, é

preferível que essas obras sejam trocadas por obras contemporâneas e gêneros mais curtos a fim de que o aluno se sinta mais motivado a fazer as leituras, e interaja sobre o que foi lido, assim indicam os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba:

Neste sentido, propõe-se uma inversão no modo como se apresentam os conteúdos do ensino médio. Ao invés de iniciar os estudos literários por autores de cinco ou seis séculos passados, iniciar com autores contemporâneos. E, ao invés de privilegiar o puro historicismo, trabalhar a partir dos gêneros literários. Desse modo, propõe-se outra possibilidade de trabalhar detidamente obras literárias nas três séries do ensino médio, abandonando o estudo de meros fragmentos de obras, que é marca registrada de nossos livros didáticos. Essa perspectiva de trabalho favorece a formação de educandos leitores-debatedores do texto literário e deverá estimular cada vez mais os professores a se tomarem também leitores de literatura. (RCEM, 2006, p. 83).

Com base no exposto nos primeiros capítulos e neste último, será elaborado um projeto de leitura literária levando em consideração a literatura nordestina e suas extensões, que visa contemplar as sugestões dadas até o momento.

### **3.1 Projeto de Leitura: A leitura de cordéis e o Auto da Compadecida, sob a perspectiva do método recepcional de Bordine e Aguiar e a sequência básica do Cosson**

#### **3.1.1 Justificativa**

Esse projeto de leitura se fará importante para o ensino de literatura nas escolas públicas, visto que estas têm apresentado diversos problemas no ensino de literatura, sejam eles de cunho social ou histórico como já foi apontado no decorrer deste trabalho. Com este projeto não visou resolver todos os problemas até o momento elencados, mas sim, amenizar alguns destes.

O principal intuito deste projeto é trabalhar a valorização da cultura, destacando a nossa, que é uma cultura tão rica, mas também desvalorizada até pela própria população nordestina. Para tal feito articularei as riquezas da nossa cultura, como por exemplo: literatura de cordéis, músicas e danças típicas do movimento armorial, xilogravuras e a consagrada obra *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna, que representou tão bem a cultura nordestina.

### 3.1.2 Objetivos

O principal objetivo deste projeto de leitura é trazer uma proposta metodológica de ensino que possibilite os alunos a adentrarem em um novo universo da Literatura, que se afaste da literatura intitulada de historicista e despertar nestes alunos o gosto pela leitura e também os formar criticamente através do ensino de literatura.

Acrescentar um novo tema às aulas de literatura: a cultura nordestina. Para isso, trabalharemos com as diversas vertentes do Movimento Armorial do Ariano Suassuna, que além de ser um escritor contemporâneo, é um defensor da cultura e dos costumes nordestinos.

### 3.1.3 Fundamentação Teórica

Nosso projeto será fundamentado na sequência básica do Rildo Cosson. A escolha feita por esta sequência e não pela sequência estendida se justifica pelo fato de que a primeira é aplicável tanto aos anos finais do ensino fundamental quanto ao ensino médio, enquanto que a segunda passa a ser uma expansão da primeira, com a diferença que poderá ser aplicada apenas ao ensino médio. Sendo assim, optamos pela primeira.

Esse modelo de sequência escolhido é dividido em quatro diferentes momentos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Para melhor entender a que se destina cada um desses momentos vamos analisá-los separadamente.

Começamos então pela *motivação*, que servirá como suporte para os demais momentos. Esse seria um dos momentos de preparação para que então o aluno entre no texto. Segundo COSSON (2014<sup>a</sup>, p.54), “o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação”, ou seja, a primeira impressão será a que ficará como modelo para o aluno. O autor nomeia esse momento ainda como sendo um “rito de passagem”, tendo em vista que é a partir desse momento que o aluno estará preparado para a leitura da obra escolhida como a principal. Neste momento de motivação o autor aconselha a leitura de textos menores, e que tenham ligação com o cotidiano destes alunos e que desperte neles o senso crítico em relação à temática principal do texto escolhido.

O segundo momento da sequência é a *introdução*. É nesse momento da sequência que o aluno será apresentado ao autor e obra escolhida. O primeiro passo para uma boa introdução exige do professor alguns cuidados, por exemplo, “Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em uma longa e expositiva aula sobre a vida do escritor” Cosson (2014<sup>a</sup>, p. 60). Ou seja, o professor deverá apresentar apenas questões básicas sobre o autor, como características do autor que são ligadas ao texto.

O segundo momento da introdução. E não menos importante, é a apresentação da obra. O professor deverá estar devidamente preparado para falar da importância da obra escolhida, evitando expor algum resumo sobre a obra, como aponta Cosson (2014, p.60), “Por isso, cabe ao professor falar da obra e da sua importância naquele momento, justificando assim sua escolha. Nessa justificativa, usualmente se evita fazer uma síntese da história pela razão óbvia de que, assim, se elimina o prazer da descoberta”. Essa estratégia pode até ser usada para despertar inquietações de como acontecerão alguns fatos.

O terceiro momento da introdução é o contato físico do aluno com a obra, vale inclusive levar os alunos até a biblioteca para que eles tenham esse primeiro contato físico com o livro. Já em sala de aula, o professor deverá fazer uma apresentação física da obra, mostrando a capa, a orelha e outros elementos estruturais do livro. Nesse momento vale a pena mostrar para o aluno a importância do que está escrito na orelha do livro e principalmente no prefácio, que se destacam na introdução.

A *leitura*, que é o terceiro momento desta sequência, pode se dá de duas maneiras: ou se faz a leitura em sala de aula, quando se trata de textos menores, e em casa, quanto tivermos textos mais extensos, seja a primeira ou a segunda, a leitura deverá ser sempre acompanhada pelo professor, mas sem que se passe a impressão de vigilância ao aluno, mas sim de acompanhamento e auxílio para dúvidas que possam surgir no tocante ao ritmo da leitura. Cosson (2014a, p.64) diz que: “Em muitos casos, a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno”, ou seja, é nesse momento que o professor poderá auxiliar nas dificuldades encontradas em seu aluno.

O quarto e último momento dessa sequência é a *interpretação*, Cosson (2014a, p. 64) define “que a interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”, ou seja, a interpretação é o momento mais crítico da sequência, pois é nesse momento que o leitor exteriorizará sua leitura. A interpretação pode ser pensada em dois momentos, um interior e outro exterior. O autor definirá como interior o momento em que o leitor consegue fazer a compreensão do texto. Cosson define da seguinte forma:

O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos após terminar a leitura. É o que gostamos de chamar de encontro do leitor com a obra. COSSON (2014a, p. 65).

E a definição desse momento como exterior seria justamente, o momento em que o leitor se apropria do que foi lido e apreendido no texto, para o letramento literário seria o momento em que há a interação do que foi lido na obra, Cosson define bem o que seria esse momento:

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela (COSSON, 2014a, p. 65).

Para que essa sequência básica se dê de forma proficiente, será necessária muita organização por parte do professor e que se dê de forma natural, sem imposições e sim atitudes incentivadoras.

#### 3.1.4 A experiência no Campo

A experiência didática apresentada foi desenvolvida durante o ano letivo em escola da rede municipal do município de Bayeux. A escola fica localizada em zona periférica da cidade, e possui um público muito carente, e muitos desses alunos vivem em situação de risco. A escola, apesar de está localizada em uma zona de risco, possui um público bem assíduo. No momento da aplicação do projeto a escola funcionava com cinco turmas de manhã, à tarde funcionavam apenas as oficinas do Programa Mais Educação, e à noite funcionava a EJA. Os alunos participantes da

sequência didática foram duas turmas de oitavo ano e uma de nono ano. Cada turma tinha aproximadamente vinte e cinco alunos cada uma.

Objetivamente, não foi desenvolvida uma pesquisa, mas uma experiência/projeto de leitura e discussão da obra de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*. O Projeto foi aplicado como descrito na sequência didática, e a avaliação foi de forma continuada, ou seja, não houve provas ou questionários para avaliar o que foi apresentado (tanto por mim como pelos alunos, que interagiram e contribuíram em todos os momentos da aplicação do projeto).

A experiência foi desenvolvida em etapas sequenciadas, em que, na **primeira etapa**, como forma de despertar motivação e interesse pela temática, foi utilizado a exibição de vídeos mostrando apresentação de dança e música do movimento armorial. Neste momento foi observada a inquietação dos alunos quanto às características daquela música, provavelmente eles fizeram a ligação com o estilo de música utilizado no filme *O Auto da Compadecida*, que foi uma das obras que melhor evidenciou as características do Movimento Armarial. A partir de então foram suscitadas mais algumas questões a respeito deste movimento e quem o fundamentou.

Na sequência, para explorar as diversas formas de linguagens escrita, foi desenvolvida leitura dos cordéis: *O Testamento do Cachorro*, *As proezas de João Grilo* e *O Batizado do Gato*, estes títulos escolhidos têm também estreita ligação com a obra do Ariano Suassuna. Nesse momento foram feitas discussões de forma que eles interajam sobre o que foi lido e passem a questionar alguns pontos sobre quando e quem criou aquelas obras, neste momento será feito também um momento de leitura compartilhada, para que eles percebam como se dá a leitura de um cordel, e como se compõe estruturalmente o cordel. Após essas atividades, foi pedido aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre xilogravuras, a partir das xilogravuras trazidas pelos alunos, o professor mediou a confecção de alguns cordéis, os temas geradores para essa produção de texto se deu a partir das imagens trazidas pelos próprios alunos. Esse momento da sequência foi encerrado com a apresentação desses cordéis da forma original como eram expostas em seus primórdios, que era a exposição em cordões nas feiras livres.

**A segunda etapa** se deu objetivamente apresentando a obra *O Auto da Compadecida*, aos sujeitos participantes, os alunos. Para fazer essa introdução,

primeiro foi exibido um trecho do filme, que já é muito conhecido do público, esse trecho do filme foi exposto a fim de que pudéssemos fazer uma pequena mostra das diferenças entre a obra escrita e o filme. Como por exemplo, que o filme é apenas uma síntese do que está no livro, e porque se faz importante a leitura na íntegra. Nesse momento foi exposto para eles as características daquela obra e as características do autor que a fez, e que muitas das características do autor estão ligadas diretamente a sua obra. Será também o momento de mostrar que o Ariano Suassuna trabalha em suas obras diversas formas artísticas que são estritamente da cultura nordestina.

A **terceira etapa**, se deu a leitura do livro, essa leitura aconteceu de forma presencial e também como tarefa extraclasse, já que é uma obra dividida em atos, e se fará importante essa leitura de forma compartilhada em sala de aula, pois é a partir dessas observações que se farão as devidas observações sobre o progresso da leitura e nesse momento de leitura compartilhada já podemos ver a possibilidade de se fazer uma leitura em forma de ensaio, para que na parte final da sequência possa se fazer uma atividade de encenação a partir de algum ato da obra.

Na **quarta e última etapa** da sequência foi o momento da discussão do que lhes foi apresentado, ou seja, a interpretação objetiva da obra, discutindo a perspectiva do autor no que se refere a sua abordagem comum em suas obras, a religiosidade – sem denominação, mas abordado por meio da fé e esperança de seus personagens; do regionalismo – o autor é nordestino e sua marca é a defesa das pessoas do nordeste, a partir do dualismo entre a apresentação do personagem do homem/mulher pobre ao mesmo tempo em que lhe apresenta como pessoa forte e com valores bem definidos, que luta por suas crenças e seus objetivos. Dentre outras características que foram surgindo e sendo compreendidas ao longo das discussões.

Esta etapa foi subsidiada também pela exibição do filme, *O Auto da Compadecida*, mas em grau, nesse momento foram feitos questionamentos aos alunos sobre as principais diferenças entre as obras, e também apontamentos a cerca das temáticas encontradas em ambas, como: a religiosidade, a desvalorização da mulher, o preconceito racial e social. E para encerrar foi desenvolvido feito um breve ensaio, representação teatral, baseado em algum dos atos do Livro.

### 3.1.5 Resultados Observados

O aprendizado inicial da leitura e escrita sempre foi motivo de preocupação no processo de ensino-aprendizagem. Mas, nos últimos tempos, o tema tem levantado bastante discussão, tanto no meio acadêmico como entre estudiosos e até mesmo entre os próprios estudantes. Podemos ver em uma série de que o estudante brasileiro, em sua maioria, lê muito mal – especialmente, aquele/a advindo da escola da rede pública. Muitas são as hipóteses, dentre elas apontam-se as práticas de alfabetização, encher o caderno de fileiras e fileiras de a, e, i, o, u foi o primeiro exercício, sem qualquer reflexão ou contextualização, os ditados, as cópias, os exercícios com as famílias silábicas, as composições sobre a primavera, as minhas férias... (MACIEL, 2013).

O fato é que a realidade nos tem denunciado que trata-se de grave situação, e sem dúvidas, faz-se necessário a busca de instrumentos e estratégia que contribuam para a superação de tal quadro. Conforme Maciel (2013), seja qual for a metodologia estrategicamente escolhida, precisa-se partir da contextualização na qual o sujeito/aprendente esteja inserido.

Convém salientar que a experiência didática tem como objetivo geral observar a importância da utilização da literatura de Ariano Suassuna como instrumento e/ou estratégia na melhoria da leitura de adolescentes e jovens, regularmente matriculados na rede pública de ensino. Tratou-se de um público que, em sua maioria, apresenta significativa dificuldade de leitura e pouca disposição para superação de tal dificuldade.

Desse modo, não foi desenvolvida, objetivamente, uma avaliação quantitativa na qual se possa afirmar um percentual de mudança na qualidade da leitura dos participantes. Contudo, ao longo da experiência foram realizadas observações qualitativas, a partir da participação e envolvimento dos estudantes no desenvolvimento das atividades propostas se foi pontuando qualitativamente as possíveis mudanças.

O ponto mais importante a ser observado na realização e aplicação dessa experiência didática foi o fato de que os alunos se sentiram motivados a prática da leitura, de buscarem compreender o significado das palavras desconhecidas, de sentirem-se parte dos contextos apresentados na obra, e de buscarem saber mais

sobre as obras do Ariano e também passaram a ver com um olhar diferenciado e respeitoso as questões culturais que enriquecem tanto o nordeste. *O Auto da Compadecida*, que até então era vista apenas como obra da indústria do cinema, passou a ser reconhecida pelos alunos em sua forma primeira que é a obra literária.

Durante o processo de aplicação do processo, vimos ainda alunos que se superaram, tanto no quesito da desenvoltura em sala de aula como no aprendizado (alunos que apresentavam um déficit notório de leitura e compreensão, nas últimas aulas apresentaram visível melhoras, por exemplo), o interesse em buscar outras obras do Ariano partiu em alguns momentos dos alunos, que trouxeram considerações importantes presentes sobre os temas abordados nas obras, como o regionalismo, a religiosidade, o preconceito e desvalorização da figura feminina e também o preconceito racial.

Então podemos afirmar que os resultados foram sim muito satisfatórios, e que será bem importante para outros educadores, que assim queiram fazer uso do projeto incluso neste trabalho.

Diante das avaliações, não podemos afirmar que as dificuldades foram completamente superadas, contudo, é possível assegurar que é preciso buscar estratégias e instrumentos para fins de compreender as particularidades de cada escola, território e estudante e que, a literatura de Ariano Suassuna, potencialmente, apresenta-se como singular aliada ao ensino aprendizagem, especialmente por abordar com bom humor uma realidade significativamente dura e que, geralmente, é vivenciada pelos estudantes objeto da experiência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve o intuito de mostrar os principais problemas que afetam o desenvolvimento e sucesso das aulas de Língua Portuguesa, em especial do ensino de literatura. Desse modo, pudemos analisar problemas históricos e atuais que impedem um desenvolvimento pleno destas aulas, como também de ver algumas possibilidades de como amenizar tais problemas, para isso utilizamos a obra do Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*, que faz parte do Movimento Armorial (movimento criado por Ariano Suassuna, a fim de valorizar a cultura nordestina) e suas vertentes, como forma de melhorar o ensino.

Esse trabalho se faz importante, pois através dele outros professores poderão trabalhar a cultura do nosso nordeste tão desvalorizada, e que através desse estudo pude perceber o quanto a literatura (especialmente a de cordel) é importante para o crescimento pessoal de crianças e adolescentes que até então ainda não tinham tido contato com nenhum tipo de literatura.

Sendo assim, os resultados obtidos com a sequência didática aplicada foram muito satisfatórios, pois os alunos participaram efetivamente de cada etapa da sequência. A partir daquelas aulas cada um deles passou a ver de forma diferente cada vertente do movimento armorial que lhes foi apresentada, desde o filme *O Auto da Compadecida*, já muito familiar a cada um deles, até as músicas e leituras de cordéis que foram feitas durante a sequência didática. Nos momentos de leitura da obra literária *O Auto da Compadecida*, era palpável a satisfação de cada um deles tentando encarnar seus papéis.

Este trabalho foi muito enriquecedor para mim e, será para outros colegas que queiram por em prática a sequência proposta, a fim de valorizar a cultura nordestina e cooperar para a formação de nossos alunos.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sarah Fernandes Navega de. **As influências da cultura popular nordestina e a composição do movimento armorial de Ariano Suassuna**. 2014. 22f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) – Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2014.

AMORIM, Maria Gorete (UFAL)<sup>1</sup> e SANTOS, Maria Escolástica de Moura(UFPI)<sup>2</sup>. **O caráter de classe da reforma do ensino médio**. Revista Eletrônica Arma da Crítica. 7/Dezembro 2016.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n.9, p. 803-809, Set. 1972.

COLOMER, Tereza. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

COUTINHO, Eulímpia Miranda; LIMA, Síria Sampaio. A comicidade no auto da compadecida como forma de desconstrução social. Universidade do Estado da Bahia, 2013. Disponível em : <<http://www.saberaberto.uneb.br/bitstream/20.500.11896/324/1/TCC-%20em%20PDF.pdf>> Acesso em : 06 de mar de 2018.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014b.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014a.

CLAUDIA, Ezilda de Melo. **A invenção do tribunal do júri em Auto da Compadecida de Ariano Suassuna**. Revista de Direito Arte e Literatura, 2016. Disponível em:<<http://www.indexlaw.org/index.php/revistadireitoarteliteratura/article/view/63>> Acesso em: 6 de mar de 2018.

CRUX, Gabriel. **Movimento Armorial**, 2013. Disponível em: <<https://armorialbrasileiro.wordpress.com/2013/02/04/movimento-armorial/>>. Acesso em 20 maio 2017.

JESUS, Normaci Rocha da Silva. **Sobreviver é preciso: uma análise dos personagens João Grilo em o auto da compadecida**. UFPB, 2013. Disponível em:<[http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/bahia/camacari/normaci\\_de\\_jesus\\_rocha\\_silva.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/images/docs/tcc/2013/bahia/camacari/normaci_de_jesus_rocha_silva.pdf)> Acesso em: 06 de mar de 2018.

MACIEL, Francisca I. Pereira. **Leitor em construção e/ou construção do leitor?**,

Revista em Educação. vol.29 no.3 Belo Horizonte Sept. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982013000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982013000300014)> acesso em: 02 de mar de 2018.

MENEZES, José Rafael de. **História do Lyceu Parahibano**. João pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1982.

NEWTON JÚNIOR, Carlos. **O pai, o exílio e o reino**: a poesia armorial de Ariano Suassuna. Recife: Editora Universitária (UFPE), 1999.

PAIVA, Juliana Ferreira. **O auto da compadecida e os estereótipos do sertão: entre Guel Arraes e Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro/RJ 2014. Disponível em:<<http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/264>> Acesso em: 6 de mar de 2018.

Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: **Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias** / Girleide Medeiros de Almeida Monteiro (Coordenação Geral) João Pessoa, [s n], 2006, 296P.

SEGABINAZI, Daniela Maria. **Educação literária e a formação docente: encontros e desencontros do ensino de literatura na escola e na Universidade do século XXI**. 2011. 342f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna**: um perfil biográfico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.